



JORNAL do ALGARVE

ANO 2.º

SÁBADO, 8 DE NOVEMBRO DE 1958

N.º 85

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 • AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

HÁ CENTO E CINQUENTA ANOS... OLHÃO, VILA DA RESTAURAÇÃO

pele DR. MATEUS BOAVENTURA



Medalha concedida aos habitantes de Olhão, em 15 de Novembro de 1808, única que se conhece e cuja revelação se deve ao dr. Alberto Iria

As terras, como os homens, nascem, vivem e sofrem; como eles, têm as suas tristezas e as suas alegrias; como eles, ainda, passam os seus momentos de glória e desespero. Mas, ao contrário dos homens, as terras, atingido o seu crescimento, continuam a evoluir através do tempo, pelos séculos fora, transformando-se em vilas, cidades e, até, em grandes capitais, lançando os seus filhos pelo

Mundo, espalhando o seu nome aos quatro ventos, glorificando-se para a eternidade. E, no entanto, quem contribui para todo esse renome e essa glória é o homem, esse simples mortal, numa vida breve e cheia de sacrifícios, oferecida em holocausto à sua terra, a qual — quantas vezes — acaba por o esquecer, abandonar e caluniar.

São esses mártires, esses homens-gigantes, os que abnegadamente se dedicaram a uma causa, que, muitas vezes, projecta as suas raízes apenas no futuro, são eles que edificam as grandes nações e as tornam respeitadas no conceito universal. Nesta missão, trabalharam, lado a lado, o Infante D. Henrique e Camões, Bartolomeu Dias e Garcia da Orta, Gil Vicente e D. Francisco de Almeida, o Padre António Vieira e Mousinho de Albuquerque.



Olhão — Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário e monumento comemorativo da revolta local em 16 de Junho de 1808

Conclui na 4.ª página

Conclui na 6.ª página

O TURISMO E A CULTURA

NÃO me importa correr o risco de me repetir, já que estou constantemente a pisar a mesma tecla, num «instrumento» que se vai tornando cansado, que começa a produzir um som áspero, impressionando desagradavelmente.

A minha insistência resume-se praticamente no muito interesse pela minha querida província e tem inspiração de origem económica, porque o turismo tal como se deve conceber, fundamenta-se no trabalho, na dignidade e na cultura.

Se cultura significa acção e efeito de cultivar, cultivar é, num aspecto, revolver e semear a terra, é desenvolver, é aperfeiçoar, é aprender, é educar, é civilizar. Existindo uma analogia entre a organização e o desenvolvimento

Continua na 6.ª página

O DETESTÁVEL ASPECTO QUE OFERECE O TERREIRO em frente do apeadeiro do Guadiana e da estação fluvial internacional

QUEM entra no País pela fronteira de Vila Real de Santo António, uma das mais movimentadas, pois é a via quase forçada de comunicações com a Andaluzia, Gibraltar e Marrocos, fica desagradavelmente impressionado com a zona árida e poeirenta que se lhe depara ao pisar terra portuguesa. Efectivamente, o terreiro fronteiriço à estação fluvial internacional e ao apeadeiro do



O estrangeiro vê à entrada uma zona árida e abandonada

O SR. SECRETÁRIO nacional da Informação fez no IV Encontro dos Cine-Clubes Portugueses importantes afirmações relacionadas com o desenvolvimento do Cineclubismo

COMO noticiámos, teve início em Santarém em 31 de Outubro prolongando-se até domingo passado, o IV Encontro dos Cine-Clubes Portugueses, em que tomaram parte mais de uma centena de delegados dos clubes de cinema da Metrópole e Ultramar.

As sessões decorreram em ambiente de elevação, nelas sendo debatido e aprovado o projecto dos estatutos da Federação Portuguesa

Conclui na 4.ª página

Conclui na 6.ª página

O drama da Serra Algarvia DESNUDA, SECA E PAUPÉRRIMA a necessidade de recuperação dos sapais E OUTROS IMPORTANTES PROBLEMAS DO ALGARVE

foram apreciados na Assembleia Nacional pelo deputado sr. coronel Sousa Rosal

O sr. coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve, abordou na Assembleia Nacional os problemas mais latentes da nossa Província, chamando para eles a atenção dos Poderes Públicos. Resumidamente se referiu ao facto a imprensa diária. Com mais largueza, e como órgão provincial, focaremos algumas passagens do discurso daquele deputado.

Assim, não podemos deixar de dar o merecido relevo àquelas considerações que se referem ao triste abandono em que continua a serra algarvia. Ei-las:

«Apesar de tudo, chegamos ao fim da execução do I Plano de Fomento e a Serra do Algarve continua entregue à sua triste sorte — a improdutividade — cada vez mais pobre e com ela a pobreza dos que lá vivem e que acabarão por morrer com ela se não tiverem a coragem de a abandonar para procurar noutro sítio o pão de cada dia, que lhes vai faltando.

«Porém, a verba aprovada (no I Plano de Fomento) não foi, totalmente, aplicada, julga-se que por insuficiência dos serviços, dado que havia autorização e estudos feitos. E' de esperar que se dotem desta vez os serviços de maneira a não protelar por mais tempo a urgente providência de povoamento da Ser-

Conclui na 6.ª página

Excedeu todas as previsões O ENTUSIASMO ORIGINADO pelo nosso Concurso-Passatempo

FOI além de tudo o que poderíamos esperar, o interesse provocado entre os nossos leitores pelo Concurso «Acerte, se é capaz!», tornando evidente a popularidade alcançada por esta nossa iniciativa.

Ao grande número de concorrentes de todos os pontos do País, correspondeu a necessidade de uma cuidada verificação e anotação das respostas, o que nos impossibilita de indicar já neste número do Jornal do Algarve, como desejaríamos, os

UM ESCLARECIMENTO sobre as vendas de conservas de Marrocos

O Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Centro recebemos a carta que a seguir se transcreve e que nos parece de-va merecer a consideração dos nossos industriais:

Há algum tempo tomámos conhecimento do artigo «O problema conserveiro visto pelos industriais do Centro», publicado no n.º 75 do vosso jornal e seguimos o conselho de averiguarmos dos motivos que, segundo informações do autor, tinham levado o Governo Marroquino a dissolver o organismo que centralizava as vendas de conservas de Marrocos.

A falta de fontes oficiais, obtivemos, de informador idóneo, industrial em Marrocos, o seguinte esclarecimento:

«No que se refere ao nosso organismo de VENDAS, até agora não houve grande alteração; é o mesmo sistema do ano passado, salvo terem-se eliminado por completo os corretores, que faziam parte da U. C. I. C.

«Por outro lado a transformação deste organismo em cooperativa de compra e venda ainda não se completou.

«O projecto desta cooperativa prevê a compra de 200.000 cxs. aos

Conclui na 6.ª página

O CAMPO SEDUZ AS "ESTRELAS"



Temos a impressão de que a jovem Beryl Trevains, actriz do cinema britânico, nesta altura em que o Outono vai já tão avançado, começa a ter saudades do seu «trabalho» na eira, no Verão passado. A traquinas «estrela» gozou as suas férias numa quinta de Deyon e ali deu largas à sua alegria, colaborando — colaboração simbólica, é claro — na remoção da palha que a debulhadora ia expelindo. Repare-se no ar de felicidade da jovem actriz, longe dos estúdios onde neste momento estará talvez a ouvir um antipático director de filmagem a ordenar-lhe que ria ou que beije mais expressivamente um actor que profundamente detesta.

Mas, enfim, é a vida! Gostaríamos que Beryl Trevains viesse para o ano passar as férias nas nossas praias. Aqui, sim, é que ela gozaria em cheio aquilo que escasseia no seu país — o Sol e um mar de sonho que encanta todos os que do Norte da Europa descem até ao litoral algarvio. Mas se tal fizer deve trazer barraca, porque hotel é coisa por aqui tão rara que todas as precauções são poucas neste particular. Apetece até, parafraseando aquele dito de que quem vai para o mar avia-se em terra, dizer que quem vai para o Algarve deve apetrechar-se de toldo e manta para não se constipar com a cacimba nocturna do «tecto».

II — Recordando o Liceu de Faro

“João de Deus, o maior poeta do Algarve o poeta da Bondade e do Amor é o Patrono do Liceu de Faro»

— afirmou-nos o antigo aluno e reitor, sr. dr. Alfredo Tenório de Figueiredo



Dr. Teófilo de Figueiredo

AO procurarmos o sr. dr. Alfredo Tenório de Figueiredo ficámos agradavelmente surpreendidos porque não iam escutar apenas um antigo professor. Confessamos com certo orgulho a sua tripla situação de aluno, professor e reitor do nosso saudoso liceu. Frequentou-o de 1908 a 1913 e ensinou e reitorou-o de 1927 a 1931.

Têm, portanto, forte significado as palavras enternecidas do mestre que fez de cada aluno um amigo. Alma compreensiva e coração bondoso ganhou o carinhoso epíteto de «Tenoirinho».

Começamos por lhe perguntar se ainda recordava factos da vida académica.

— Dos meus tempos de aluno — já lá vão mais de 40 anos — lembro-me bem da greve de 1911, em que a Academia de Faro apresentou as suas reclamações, como muitas pelo País fora. Recordo-me da ida ao Governo Civil e do trabalho exaustivo de José Júdice, o presidente da Academia, que teve de demonstrar, hábilmente, ao dr. Zacarias Guerreiro, governador civil, as razões dos estudantes.

— Quanto ao rendimento intelectual dos estudantes de então, que nos diz?

— Brincava-se muito naquele tempo mas estudava-se bastante. Não havia as distrações de agora e todos compreendiam que para vencer é preciso trabalhar. Os professores eram muito compreensivos e amigos e, no geral, tudo corria bem.

Conclui na 6.ª página

FALTA DE ESPAÇO

FALTA de espaço obriga-nos a retirar deste número algumas crónicas muito interessantes dos nossos estimados colaboradores e o artigo acerca da «Verdade sobre os projectos dirigidos», que será publicado na próxima semana.

A saúde é a maior riqueza

ALARME CONTRA A SÍFILIS

Cansaço fácil, fadiga, fraqueza, falta de apetite e emagrecimento não são sintomas característicos de moléstia alguma. Mas, quando tais sintomas vêm acompanhados de dor de cabeça, dores nos ossos e nas juntas, podem constituir sinais de sífilis, principalmente se, durante a noite, se mostram mais fortes.

Diante dessas manifestações, procure o seu médico para apurar se tem sífilis.

O Ensino no Algarve

Professora galardoada

A sr.^a D. Maria da Conceição Charrito, professora aposentada de Silves, foram entregues pelo chefe do distrito as insígnias de cavaleiro da Ordem de Instrução Pública, prêmio dos 43 anos que dedicou à causa da instrução. Para o efeito o sr. dr. Baptista Coelho deslocou-se à casa da homenageada, naquela cidade, onde se efectuou uma discreta cerimónia à qual também assistiram os srs. director e adjunto do distrito escolar, presidente da Câmara Municipal, delegado escolar e as professoras sr.^{as} D. Aurora Martins Carneiro Jacinto, D. Mercêana Martins Nobre de Oliveira, D. Laura e D. Palmira do Carmo Sequeira.

A homenageada, bastante sensibilizada, agradeceu as palavras do sr. governador civil que lhe manifestou o seu apreço, em nome do sr. ministro da Educação.

UM OFÍCIO

DA CÂMARA MUNICIPAL DE TAVIRA

A CERCA do ofício da Câmara Municipal de Tavira que publicámos no passado número, recebemos uma carta do sr. Libertino Conceição e um pedido de esclarecimento do ilustre director do nosso prezado colega «Povo Algarvio», os quais não podemos apreciar no presente número em virtude de falta de espaço.

Armazém de Mobílias

Trespasa-se um armazém de venda de mobílias, na rua principal da povoação, com montra para a Rua Dr. Manuel d'Arriaga.

Tratar com David de Jesus, em Armação de Pera.

FRIEIRAS...

mesmo ulceradas

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo. À venda nas Farmácias.

A sessão Henriquina

NA CASA DO ALGARVE

É no dia 20, às 21 e 30, que se realiza na Casa do Algarve a sessão solene evocativa da passagem do 498.º aniversário da morte do Infante D. Henrique, na sua Vila, em Sagres. Presidirá o presidente das Comissões Nacional e Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, sr. prof. Caetano da Mata.

Serão oradores os srs. dr. J. D. Garcia Domingues, que dissertará sobre o tema: «Sagres e S. Vicente na época árabe»; dr. Alberto Iria, que falará sobre «Sagres na época dos Descobrimentos e sua dignificação actual»; e António Rosado, que visionará o futuro de Sagres e S. Vicente como estância de turismo.

Fará a apresentação dos oradores o presidente da direcção, sr. major Mateus Moreno.

Alfaiataria MARTINS

António José Martins, proprietário da Alfaiataria Martins, vem por este meio comunicar aos seus ex.^{mos} Clientes que transferiu o seu estabelecimento para o n.º 85 da rua Sousa Martins, em Vila Real de Santo António.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em representação da Federação dos Grêmios de Lavoura do Algarve, a que preside, esteve em Lisboa a tomar parte na reunião do Conselho Superior de Agricultura e do Conselho da Corporação da Lavoura, o sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, director do nosso prezado colega «A Voz de Loulé».

Encontra-se a passar uma temporada em Quarteira, o sr. dr. Maurício Serafim Monteiro, vice-presidente da Casa do Algarve e nosso estimado colaborador.

Esteve em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. Germano José de Sales, nosso assinante em Lisboa.

Em viagem, esteve em Vila Real de Santo António o sr. Alvaro Ribeiro, comandante do navio «S. Macário» e nosso assinante na Cova da Piedade.

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa o sr. major João Centeno de Sousa, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Após ter passado o Verão na sua propriedade de Tavira, regressou a Lisboa o nosso assinante sr. capitão António Pedro Brito Aboim Villa Lobos.

De visita a sua mãe, esteve em Castro Marim a sr.^a D. Maria das Dores Mês Gonçalves, nossa assinante em Lisboa.

Esteve passando o fim de semana em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa e da menina Maria Susete Costa, o sr. Vasco Martins, nosso assinante na Parede.

Vimos em Vila Real de Santo António os srs. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, acompanhado de sua esposa e filho, Hugo Celorico Drago, Jorge Manuel Freire Celorico Medeiros, José Luciano Vieira Rodrigues e Francisco Delgado Caraca Cipriano, nossos assinantes na capital.

Esteve em Vila Real de Santo António a sr.^a D. Iliete Medeiros Salvador, nossa assinante na aldeia das Amoreiras.

Depois de passar algum tempo em Castro Marim, regressou a Lisboa, onde reside, a sr.^a D. Maria Anastácio Josefa.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção o nosso amigo e correspondente em Algos, sr. Alvaro Duarte Gomes.

Depois de ter passado uma temporada na Metrópole, seguiu de Portimão para Lisboa, onde embarcará no dia 10 no paquete «Pátrias» com destino a Catumbela (Angola), onde tem a residência, o nosso assinante sr. Francisco Jorge Neves, que vai acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria do Carmo Calvino Neves, de suas filhas Margarida Maria e Maria do Natal e de sua cunhada sr.^a D. Maria Helena Calvino Botelquilha.

Esteve uns dias em Castro Marim a sr.^a D. Emilia Nogueira Pinto de Vas Palma, esposa do sr. dr. Joaquim Vas Palma, nosso assinante em Monchique.

Foi a Lisboa o sr. Jutiliberto Viegas Palma, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Com sua esposa, encontra-se em Matosinhos o sr. Hilderico do Nascimento Pires.

A reunir-se a seu marido, seguiu para Vila Nova da Barquinha, onde fixou residência, a nossa assinante sr.^a D. Maria Helena Segura Viegas dos Santos.

Fixou residência em Paço de Arcos, em virtude de ter sido colocado na Escola Prática de Electromecânica daquela localidade, o nosso amigo e assinante sr. tenente Humberto Alfarrá Guerreiro.

Casamentos

Na capela do palácio de Queluz, consorciou-se a sr.^a D. Maria Isabel Estrada de Almeida Conde, filha

ECONOMIA

Novas unidades industriais de farinhas e óleos de peixe

A DIRECÇÃO do Grémio dos Industriais de Pesca e seus Derivados do distrito de Moçamedes, segundo se depreende do seu relatório, chegou à conclusão de que devia promover-se a concentração da indústria de pesca do distrito, importando a primeira fase desse plano em 77.000 contos. O mesmo compreende a construção de quatro grandes fábricas colectivas de farinhas e óleos de peixe, uma em cada um dos portos principais ou seja, na Baía dos Tigres, Porto Alexandre, Luciria e Moçamedes. As fábricas serão equipadas com todos os requisitos da técnica de fabrico, a fim de se obter maior economia na produção e uma sensível melhoria na qualidade dos produtos.

Na fase seguinte contam aumentar a capacidade das fábricas, prevendo-se a instalação de frigoríficos para a exportação de peixe fresco e fábricas modernas de conservas e peixe fumado, de forma a obter-se um maior aproveitamento da riqueza piscícola. Prevê-se ainda com os lucros de laboração das fábricas criadas, a capitalização de um fundo de renovação destinado a facilitar a cobertura das despesas com a segunda fase.

Esta iniciativa foi tomada com base no rendimento piscatório de 1956 que entusiasmou os dirigentes do Grémio, levando-os a estudar o assunto em pormenor até chegarem à conclusão de que a forma mais viável de explorar esta importante riqueza seria de facto a construção de algumas unidades industriais.

Importações para a Alemanha

Vamos dar alguns números das importações alemãs originárias do nosso País referentes ao ano passado e que interessam o Algarve: 3.814 toneladas de guano de peixe, no valor de 8.984 contos; 2.914 ton. de farinha de peixe para adubo, 9.242 contos; 656 ton. de óleo de sardinha, 3.181 c.; 7.315 ton. de cortiça não manufacturada, 54.338 c.; 8.064 ton. de conservas de peixe, 136.923 c., figurando em primeiro lugar a sardinha com pele e com espinha cujo valor foi de 82.337 c., seguindo-se a sardinha noutros molhos com 26.826 c. e a sardinha sem pele ou sem pele e sem espinha, com 25.225 c.; 99 ton. de graminha de alfarroba, 783 c.; 232.681 quilos de miolo de amêndoa, 6.766 c.; 7.808 quilos de pinhões, 228 c.; 492 ton. de figos secos, 1.605 c.; 46.517 quilos de pasta de figo, 64 c.; 1.031 ton. de farinha de peixe alimentícia, 3.477 c.; 2.075 ton. de cortiça em obra, 80.915 c., ocupando o primeiro lugar as rolhas com 67.121 c. Também vendemos aos alemães 280 contos de penas de ave.

Comércio

Como se sabe, a cebola é um alimento de altas virtudes, sobretudo ingerida crua. Daí que nos últimos anos tenha aumentado a sua cultura e consequentemente a concorrência internacional. Houve um tempo em que a cebola espanhola reinava sobre todas e os nossos vizinhos usavam das maiores precauções para evitar a saída da semente. Mas isso não impediu os americanos de se lançarem na cultura de boas qualidades de cebola para comer em cru e actualmente produzem cebolas tão boas como as espanholas a Argentina, o Egipto e a Irlanda. As deste último país não se exportam mas impedem a importação, esperando, no entanto, a Irlanda transformar-se em país exportador.

do sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico, e da sr.^a D. Maria Brito Estrada de Almeida Conde, com o arquitecto sr. Miguel Reimão da Cunha Pinto, filho do sr. dr. Manuel Pinto e da sr.^a D. Berta Reimão da Cunha Pinto. Presidiu ao acto o rev. cônego Valente, do Porto, e apadrinharam, por parte do noivo, o sr. prof. Manuel Reimão Pinto e a sr.^a dr.^a Maria Paulette Dartout Reimão Pinto, e por parte da noiva, seus pais. No restaurante da Cozinha Velha, foi oferecido um lanche aos numerosos convidados.

Doentes

Já se encontra melhor do acidente que sofreu, a esposa do sr. José Carlos Costa, importante comerciante de Algos.

TOTAS ALGARVE

Vila Real de Santo António

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|--------------|-------------|
| TRAIINEIRAS: | |
| Refrega | 69.805\$00 |
| Leste | 27.545\$00 |
| Maria Rosa | 22.790\$00 |
| Concepanita | 22.820\$00 |
| Flor do Sul | 10.685\$00 |
| Amazona | 5.980\$00 |
| Total | 157.605\$00 |

Olhão

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|-------------|-----------|
| TRAIINEIRA: | |
| Amazona | 6.600\$00 |

Albufeira

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|------------------------------|------------|
| Valor da pesca neste período | |
| Total | 85.451\$00 |

Armação de Pera

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|------------------------------|------------|
| Valor da pesca neste período | |
| Total | 26.577\$00 |

Portimão

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|---|-------------|
| TRAIINEIRAS: | |
| Brisamar | 56.590\$00 |
| Farihão | 44.440\$00 |
| Cristina Leote | 28.960\$00 |
| Anjo da Guarda | 27.500\$00 |
| Costa d'Oiro | 26.530\$00 |
| Lua Nova | 22.770\$00 |
| Flora | 20.850\$00 |
| Sarda | 20.780\$00 |
| Lusitana | 19.200\$00 |
| Maria do Pilar | 16.800\$00 |
| Estrela de Maio | 16.710\$00 |
| Pérola Algarvia | 14.400\$00 |
| Praia Amélia | 14.180\$00 |
| Pérola do Oceano | 13.270\$00 |
| Luzozinho | 13.270\$00 |
| Portugal VI | 12.610\$00 |
| Dorita | 11.700\$00 |
| Pérola do Barlavento | 11.500\$00 |
| S. Flávio | 11.070\$00 |
| Borges do Rego | 11.050\$00 |
| Mexilhão | 10.400\$00 |
| Maria Odete | 10.630\$00 |
| Portugal II | 10.500\$00 |
| Sr. ^a do Cais | 10.100\$00 |
| N. ^a Sr. ^a da Graça | 9.500\$00 |
| Sr. ^a do Altar | 9.410\$00 |
| Pérola de Lagos | 9.100\$00 |
| Novo S. José | 8.680\$00 |
| Nova Forçada | 8.610\$00 |
| N. ^a Sr. ^a de Pompeia | 8.600\$00 |
| Praia do Vau | 8.520\$00 |
| Pérola do Arade | 8.470\$00 |
| Luis Fernando | 7.850\$00 |
| Arrifana | 7.270\$00 |
| Próia | 6.700\$00 |
| Alvarito | 6.530\$00 |
| Oressa | 4.800\$00 |
| Satúrnia | 4.200\$00 |
| Estrela do Sul | 3.920\$00 |
| Noroeste | 3.400\$00 |
| Sol | 3.300\$00 |
| Trio | 2.580\$00 |
| Gracinha | 2.250\$00 |
| Virgem te Guie | 1.800\$00 |
| Oeste | 1.800\$00 |
| Mélinha | 1.800\$00 |
| Total | 588.954\$00 |

Lagos

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|---|-------------|
| TRAIINEIRAS: | |
| Brisamar | 50.100\$00 |
| Costa d'Oiro | 25.180\$00 |
| Marisabel | 14.600\$00 |
| N. ^a Sr. ^a da Graça | 15.260\$00 |
| N. ^a Sr. ^a de Pompeia | 10.970\$00 |
| Pérola de Lagos | 9.590\$00 |
| Lua Nova | 7.950\$00 |
| Gracinha | 7.780\$00 |
| Milita | 4.800\$00 |
| Farihão | 5.900\$00 |
| Virgem te Guie | 5.240\$00 |
| Oressa | 2.490\$00 |
| Sr. ^a do Altar | 2.250\$00 |
| Borges do Rego | 1.700\$00 |
| Mélinha | 1.700\$00 |
| Flora | 1.900\$00 |
| Satúrnia | 890\$00 |
| Portugal VI | 640\$00 |
| Total | 142.125\$00 |

Quarteira

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

| | |
|----------------|-------------|
| Artes diversas | 114.411\$00 |
|----------------|-------------|

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 30 de Outubro a 5 de Novembro

ENTRADOS: Português «Colares», de 1.158 ton., de Lisboa, vazio; Espanhol «Castillo Rianza», de 844 ton., de Huelva, vazio; Portugueses «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, com adubos, «S. Macário», de 1.038 ton. e «Mira Terra», de 562 ton., ambos de Lisboa, vazios.

SAÍDOS: «Zé Manel», «Colares» e «S. Macário», todos para Lisboa, com minério; «Castillo Rianza», para Saint Maló, com minério.

NECROLOGIA

Dr. José da Rocha Peixoto Magalhães

Com 47 anos, faleceu no Porto, de onde era natural, o sr. dr. José da Rocha Peixoto Magalhães, casado com a sr.^a D. Maria da Conceição Gomes Pinto de Magalhães. O extinto era filho do sr.^a D. Maria José Alves Rocha Magalhães e do sr. João da Rocha Vieira Magalhães e irmão das sr.^{as} D. Maria Amália e D. Virgínia Alves da Rocha Magalhães Pacheco e do sr. dr. Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães, professor do Liceu de Faro e distinto poeta e publicista.

D. Marta de Jesus Lã

Faleceu em Mira de Aire a sr.^a D. Marta de Jesus Lã, mãe das sr.^{as} D. Maria Lã Rosa e D. Maria Lã Baptista e dos srs. António Lã e dr. João Francisco Lã, sogra das sr.^{as} D. Maria Baptista Lã e D. Celestina Rosa Lã e do sr. Adolfo dos Santos Rosa, avô do sr. Vitor Manuel Lã e tia dos srs. José Francisco Lã e Manuel Francisco Lã.

José Ricardo Correia

Em Lisboa faleceu o sr. José Ricardo Correia, de 47 anos, natural de Silves, funcionário da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, casado com a sr.^a D. Ermelinda Mealha Correia, pai dos srs. Mário, Sebastião e Carlos José Mealha Correia; irmão do nosso amigo sr. Ricardo Lino Correia, gerente da agência do Banco Nacional Ultramarino, em Espinho, e do sr. Domingos Trindade Correia, aposentado da P. S. P.; cunhado das sr.^{as} D. Isabel Calado Correia, D. Maria Augusta Nunes Correia e D. Alice Mealha; e tio das sr.^{as} D. Maria Natércia Calado Correia Risques Pereira, D. Fernanda Calado Correia, D. Maria Isabel Correia, D. Maria Aureliana e D. Odete Correia e dos srs. Virgílio Correia, Nelson Correia e Fernando Calado Correia, quimista de Medicina.

Também faleceram: Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — o sr. António Eusebio, de 68 anos, natural da Mesquita, reformado da Guarda Fiscal, casado com a sr.^a D. Aurélia Maria, pai das sr.^{as} D. Alice Eusebio Martins, D. Maria Rita Eusebio da Silva e D. Joaquina Monteiro Eusebio e sogro dos srs. Manuel Albino Martins e Américo Tenório da Silva, agente comercial.

Em LISBOA — o sr. José André Gonçalves, de 32 anos, natural de Martinlongo.

— a sr.^a D. Maria Miguel Pires, de 66 anos, viúva, natural de Estômbor, mãe da sr.^a D. Natália Pires e do sr. Jorge João Santana.

— a sr.^a D. Maria José Ramiro, de 50 anos, natural de Silves, casada com o sr. João Alves, mãe do sr. João Valentim Ramiro Alves.

— a sr.^a D. Mariana da Glória, de 78 anos, natural de Lagos, casada com o sr. João da Costa Muchacho, mãe da sr.^a D. Julieta da Glória Costa e do sr. Manuel da Costa, e avô do sr. Manuel Domingos da Costa Silva.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve* sentidos pêsames.

DONATIVO

Pelo nosso amigo sr. João Viegas Faisca, chefe da Secção de Hipotecas de «A Confidente», foi-nos remetida, para os nossos pobres a quantia de 60\$40, para assinalar o 6.º aniversário, no próximo sábado, de sua filha Maria Gabriela da Silva Viegas e as melhoras de sua esposa sr.^a D. Maria Amélia H. da Silva Faisca.

Em nome dos contemplados, uma família necessitada de Vila Real de Santo António, os nossos agradecimentos.

CASA - Aluga-se

De 1.º andar, com 7 divisões, sita na Avenida da República — Vila Real de Santo António. Quem pretender dirija-se à rua Matias Sanches, 44.

Atenção Senhor Forasteiro!

Não compre doces em qualquer parte!... faça as suas compras em LAGOS, na acreditada

Casa dos Doces Regionais de Amélia Taquelim Gonçalves

Rua da Porta de Portugal, n.º 13 — 1.º andar

Telefone 82

Os melhores doces do Algarve

— O mais interessante sortido da provincia! —

Uma autêntica especialidade em:

BOLOS DE «DOM RODRIGO» e DOCES ARTÍSTICOS!

— UMA VERDADEIRA TENTACÃO —

Remessas à cobrança para todo o País NÃO DEIXE V. EX.^a DE VISITAR ESTA CASA!



Funcionalismo público

Foi nomeada ajudante do Registo Civil de Paderne (Albufeira), a sr.^a D. Mavilinda Coelho Bernardo Palma.

Foi exonerada do lugar de ajudante do Registo Civil de Santa Catarina (Tavira), a sr.^a D. Juventude das Dores Pinto Quaresma.

Está vago um lugar de escriturário de 2.ª classe do tribunal da comarca de Faro.

Passou a desempenhar as funções de regente agrícola de 3.ª classe no Posto Agrário de Sotavento do Algarve (Tavira), o sr. Manuel Mealha Sequeira, da Estação Agrária de Viseu.

O sr. António Xavier Martins Delgado, escriturário de 2.ª classe da secretaria da Câmara Municipal de Alcoutim, foi promovido à 3.ª classe da 2.ª categoria e colocado no lugar de terceiro oficial da secretaria do Governo Civil de Faro.



PARA O VOSSO CASAMENTO

PREFIRA A Fotografia Arnaldo

Especializada em Reportagem

A única que se desloca o vosso caso, e a qualquer localidade, com transporte próprio, e o mais moderno APARELHAGEM ELECTRONICA EXPOSIÇÃO PERMANENTE Rua Filipe Alistão, 5 em FARO - Telef. 881

ALHINHO OCULISTA

Rua Ferreira Neto, 34 — FARO

Executa todo o receituário médico, com a maior rapidez e perfeição

COMPLETO SORTIDO EM LENTES E ARMAÇÕES

Consertos em Óculos e Relojoaria

Durante os meses de NOVEMBRO e DEZEMBRO

A GAZCIDLA OFERECE:

10% DE DESCONTO NO MATERIAL E 13 KGS. DE GAZCIDLA

a) — A todos os novos consumidores que comprem fogões, fogareiros e esquentadores através da sua organização.

b) — Aos antigos consumidores que comprem fogões ou esquentadores, também através da sua organização. *Na compra de fogareiros beneficiarão apenas de 10%.*

VENDAS ATÉ 24 PRESTAÇÕES

USE GAZCIDLA

(Produzido na refinaria da SACOR)

AGORA AINDA MAIS BARATO!

LIVROS

"A noiva que o sol roubou" e «Um dia no Paraíso»

de Max Leão Esaguy Wartenberg

O caso do pequeno Max Leão Esaguy Wartenberg foi definido e muito bem pelo escritor João de Barros como um fenómeno de precocidade. E não pode deixar de ser assim porque é raridade uma criança de 9 anos escrever versos com o sentido e a perfeição daqueles que o pequeno Max apresenta nos dois volumes que estamos a apreciar. Num deles reuniu versos dos seus 9 anos e no outro versos dos 10 anos. E não se julgue que a sua inspiração é medíocre e falha de senso. Nada disso. Max produz bons versos, embora, como é natural, abundem nos seus livros infantilidades que, por naturais da idade, lhe conferem mais curiosidade e despertam o interesse do leitor por conhecer a arte do pequeno poeta. Explica ele, perante o pasmo que provoca tal precocidade, que o que vem de Deus não tem explicação, e acrescenta: Se os outros fazem versos por que não havia de os fazer também? Eis uma atitude corajosa que explica o desembaraço de Max; não teve receio de submeter as suas composições poéticas à apreciação pública.

Como amostra da poesia do jovem Max, aquela que intitulou «Uns sapatos».

Vi-a entrar no autocarro, Era bela, bela de verdade! Debaixo do braço um cestinho Com raminhos de violetas Completava o quadro.

Reparo que algo estranho Se passa em redor dela:

O guarda-freio, muito pálido, Com a voz a tremer, muito baixa, Diz-lhe: tens que descer!

Ó mundo perverso! Se ela era linda e honesta, Porque não teria uns sapatos?!

«POEMAS BREVES»

de António Teixeira Marques

Lemos com prazer os «Poemas breves», de António Teixeira Marques. Cremos que se trata de uma estreia. Dado que assim seja pode considerar-se a mesma de bom augúrio. Efectivamente tem veia poética o autor, sem com isto pretendemos exagerar méritos que nos parece ainda não se revelaram mas que estão latentes. Basta o soneto «Aurora do cavador» para nos convenceremos que Teixeira Marques tem possibilidades de vir a enfileirar entre os nossos melhores cultores de rima. As «Trovas de caminhante» e o «Mar» afirmam um poeta que no «Menino da rua» nos faz lembrar João de Deus. Algumas composições poderiam ter sido eliminadas do volume porque destoam dos bons versos que há nele.

António Teixeira Marques é uma promessa auspiciosa, é um poeta que justamente pode acalentar esperanças.

«NÓS, PORTUGAL»

de Renata Pallottini

A poetisa brasileira Renata Pallottini visitou Portugal e da sua estadia no nosso País resultou um livro de poesia intitulado «Nós, Portugal». O volume, dedicado a um algarvio, abre com oito sonetos que a autora designou de Vila Real, e encerra mais doze composições agrupadas sob os títulos António em Lisboa, Estavas linda Inês e Temas da Juventude. A autora compõe indistintamente nos moldes tradicionais (métrica e rima) e nos moldes mais livres, que não obrigam nem à métrica nem à harmonia sónica. Os seus sonetos são perfeitos e há neles inspiração e sentido. Eis o soneto com que abre o livro:

A dor alheia António, é branca e triste. Penso-te este soneto às nove em ponto.

A margem do Guadiana há um anjo tonto, partiram-lhe uma asa. E nada existe.

Já o sentiste, António? Dói-nos forte.

Ando a pensar que toda a diferen-

Tanques em ligas leves (Alumínio)

PARA O TRANSPORTE DE COMBUSTÍVEIS LÍQUIDOS, LEITE, VINHO, CERVEJA, ETC.

(Brevet do Alumínio Francês 1.001.121)

Sendo mais leves que os de aço macio, permitem transportar um maior volume de carga, trazendo assim uma economia considerável

SONORTE

Sociedade de Estruturas Metálicas do Norte — SARL

Rua Justino Teixeira, 464 — PORTO

Telefones 53145/53146

O detestável aspecto A SAS vai aumentar a sua frota com novos aviões de jacto

Conclusão da 1.ª página

pulverizado, a verdade é que ele desagrada horrivelmente a quem gosta de proteger a saúde e não se dispensa de defender a higiene pessoal. Independentemente destes aspectos, já por si dignos de serem considerados pelas autoridades locais, há ainda a nota de incúria e de desarranjo que damos aos estrangeiros que nos visitam. Logicamente partem do princípio que não poderá ser acolhida nem agradável a casa que lhes oferece um patamar de porcaria.

Ora esta manifestação do nosso desleixo tem que desaparecer, tanto mais que ela não exige uma verba excessiva. Em qualquer forrobodó com bombos e gaitas gasta-se muito mais do que é preciso para arranjar esta entrada do País. Cremos que a Junta Autónoma dos Portos de Sotóvento, que tem jurisdição sobre aquele terreno, e a Câmara Municipal da Vila Pombalina podiam chegar a um entendimento para que se arrelvasse o mesmo, acabando-se com tal desleixo, que não se reflecte apenas nos habitantes da vila fronteiriça mas em todos os portugueses.

Uma carta que confirma o que se acaba de lamentar

Já depois de redigido o nosso arrazoado (parece um fenómeno de telepatia), recebemos a seguinte carta datada de 26 do mês findo:

Senhor Director:

Quando tanto se fala de turismo e da melhor forma de atrair estrangeiros, em especial à nossa provincia do Algarve, acho que uma das entradas nesta deve estar de forma a serem bem recebidos e a ficarem com boa impressão. Mas, não é este o facto que se dá com quem entra em Vila Real de Santo António, vindo de Espanha, e como prova vou relatar a V. um caso sucedido em 24 do corrente:

De Sevilha vieram comigo dois casais franceses, a quem eu dei alguns informes sobre a nossa Provincia e a forma de se dirigirem à Praia da Rocha, pois eles queriam passar uns dias numa praia, aproveitando estes dias primaveris. Indiquei-lhes a Rocha por não haver

ca entre os anjos e os homens é a doença e o voar-se depois ou antes da morte.

Importa pouco o andar, quando se sente este punhal finissimo. O que importa é a paz da trégua, António. A paz não mente, é apenas o que há. Dor viva e morta.

É noite. Eis que ela volta e se debruça.

Ouves, António? É o anjo que soluçã.

Lê-se com agrado o livro de Renata Pallottini que pela quarta vez se apresenta ao público, trazendo como credencial dois livros já esgotados.

em Monte Gordo (o que é confrangedor) um hotel onde pudessem alojarse.

A saída da Alfândega encaminhei-os para o centro da vila, a fim de trocarem dinheiro, dólares e francos, por moeda portuguesa. Deixaram os carros e dirigiram-se para o centro da vila, mas, ao atravessarem a placa frente ao edifício da Alfândega e Polícia, foram mimoseados com uma bolada, enviada pelos garotos que ali jogavam o «foot-ball». Bela recepção.

Como V. está sempre disposto a defender e a chamar a atenção das entidades competentes, para tudo que não está certo e prejudica o bom nome de Portugal, lembrava-se não poderia ser feito, no seu muito lido e conceituado jornal, um brado, para a Junta do Porto, dona do terreno em questão, o entregar à Câmara Municipal; refiro-me à parte que vai do jardim (que tão bem cuidado está), até ao apeadeiro do caminho de ferro, a fim desta o ajardinar em continuação do que lhe pertence e, assim, embelesar uma das entradas nesta Provincia para quem vem de Espanha ou para esta vai.

Como está é uma verdadeira lástima; no Verão enterram-se os pés em terra solta, no Inverno em lamaçal, e quanto às nuvens de pó produzidas em dias de vento, nem se fala. Também os passeios ao longo do gradeamento do lado da Polícia ainda não foram calcetados.

Não seria o que relato, acerca da desértica placa de terreno, uma solução para a embelesar e uma economia para a Junta que diz nada fazer por falta de verba, e cujo terreno para nada lhe serve?

Era um benefício para Vila Real de Santo António e mesmo para o Algarve, uma campanha nesse sentido feita no seu já muito conhecido jornal.

Desculpe-me ter-lhe tomado tempo e creia-me um algarvio sempre ansioso por ver embelesada a sua Provincia.

De V., etc.

a) Santos e Silva

ARRENDAR-SE

Óptima terra, com nora e engenho, no sítio da Lagoa. Trata João da Palma Madeira, Rua Afonso Anes Penedo, n.º 14 — Lisboa. Informa António Gonçalves Caldeira, Altura — Caceia.

J. A. de Araújo

ARTIGOS DE PESCA

Fios Nylon para redes, Anzóis, Canas, Carretes, Amostras, etc. etc.

25 - Rua Remolares - 27

15 - Travessa dos Remolares - 15

Telefone 25608 LISBOA-2

VENDE-SE

Prédio urbano, composto de rés-do-chão e primeiro andar, em perfeito estado, na Rua do Brasil, em Vila Real de Santo António, com o rés-do-chão desocupado. Trata: Manuel Clemente — Vila Real de Santo António.

Olhão, Vila da Restauração

Conclusão da 1.ª página

que. Todos serviram a sua Pátria, todos, a seu modo, enobreceram a sua terra.

Neste momento, o meu espírito volta-se para Olhão, terra de filhos ilustres, que constitui um bom ponto de referência e um exemplo típico do caso português. Olhão é uma terra como muitas outras do nosso país: populosa e pouco progressiva; muito desenvolvida industrialmente, mas muito abandonada pelo governo central; com uma população geralmente pobre, vivendo paredes meias com uma dúzia de eleitos suficientemente ricos. Olhão é assim. Mas o mesmo acontece de norte a sul de Portugal. E como as outras terras, Olhão tem o seu passado glorioso de que se orgulha, a sua História, os seus heróis. E se hoje é vila deve-o ao esforço e à coragem de alguns desses homens, pobres e humildes pescadores — antepassados dos que constituem, nos nossos dias, a maioria da população local — que, num acto desinteressado de amor, patriotismo e ousadia, deixaram o seu nome ligado a um feito, recordado ainda com carinho e admiração.

Foi há 150 anos, precisamente. Corria agitado o ano de 1808, após a 1.ª invasão francesa, e Junot governava em Lisboa depois da fuga da família real para o Brasil. Todo o país via, com ódio e angústia, o domínio estrangeiro, alimentando, em segredo, o espírito da revolução que, efectivamente, pôde vingar com o auxílio inglês. Em alguns pontos, porém, organizavam-se, rapidamente, comissões patrióticas e guerrilhas e procedia-se, já, ao ajuste de contas com o inimigo. O povo olhanense foi dos primeiros a rebelar-se, em 16 de Junho de 1808, e o caso da ponte de Quêles é hoje narrado quase como os antigos feitos de cavalaria dos primórdios da nacionalidade. Expulsos os franceses, e varrido do país o jugo estrangeiro, um problema urgente se punha ao leais olhanenses: era necessário avisar o Príncipe-Regente de que podia regressar, a salvo, ao seu reino. E, denodadamente, dezassete homens, habituados às lides da pesca e às ciladas do mar, mas ignorantes dos segredos do Oceano Equatorial e das costas brasileiras, decidiram empreender a arrojada viagem. O pequeno barco, o caique de pesca «Bom Sucesso», fez-se ao mar, nesse mesmo ano de 1808, e, guiados um pouco pelo acaso e pelas estrelas, sem cartas de marear, mas com uma fé inquebrantável, esses

homens — Manuel Martins Garrocho, Manuel de Oliveira Nobre, António Pereira Gêmeo, António da Cruz Charrão, António dos Santos Palma, Domingos do Ó Borrego, Domingos de Sousa, Francisco Lourenço, João Domingos Lopes, João de Munho, Joaquim do Ó, Joaquim Ribeiro, José Pires, José da Cruz, José da Cruz Charrão, Manuel de Oliveira e Pedro Minil — chegaram ao Rio de Janeiro e foram recebidos por D. João VI. Os pormenores deste encontro e desta odisséia foram contados já com mestria pelo historiador dr. Alberto Iria Júnior, que lhes dedicou páginas cheias de carinho, próprias, aliás, de um filho que ama extremamente a sua terra-mãe. O monarca, então ainda Príncipe-Regente, encheu os bravos algarvios de benesses, espantado certamente, com a dedicação e a coragem desses anónimos súbditos, que ele abandonara em hora de perigo, a uma sorte incerta. E, por alvará de 15 de Novembro de 1808 (faz dentro de uma semana 150 anos), D. João VI concedeu a Olhão o título de Vila da Restauração e, aos seus naturais, o privilégio de usarem uma medalha com a letra «O» gravada e o dístico «Viva a Restauração e o Príncipe Regente Nosso Senhor».

Os valorosos pescadores regressaram à sua terra e à sua faina diária, mas o Príncipe não. Lá ficou pelo Brasil durante largos anos ainda, gozando uma vida de corte nem sempre risonha, atravessada por desgostos e pequenas misérias familiares. Mas se os homens passaram e desapareceram no tempo, triturados pelas próprias vicissitudes, a sua memória permanece intacta, enobrecida, até, pela pátria longínqua da distância, pelo brilho inesquecível de tudo quanto é nobre, grande e imorredouro.

Mateus Boaventura

José Cândido Monteiro

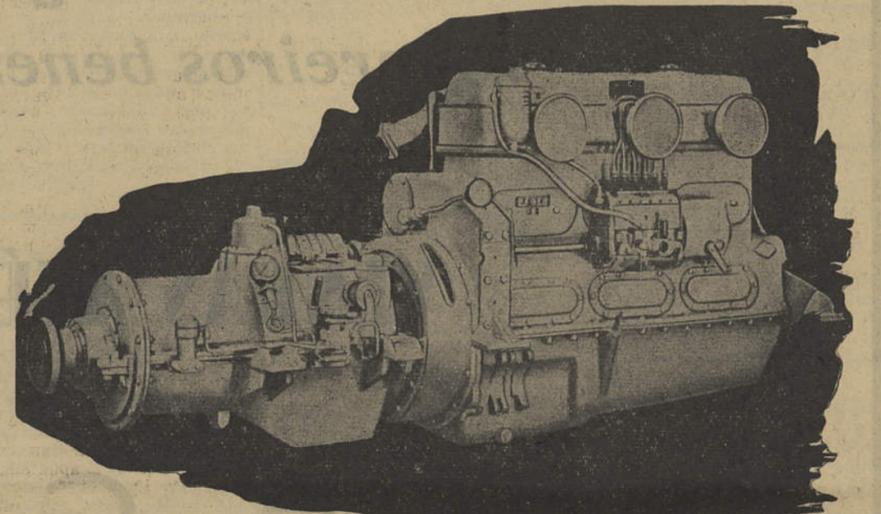
Solicitador provisionário

Nomeado definitivamente na comarca de Vila Real de Santo António

Telefone 238 - 8

Avisa que permanece todos os dias úteis, até conseguir casa para escritório, na sede da comarca — Tribunal Judicial — durante as horas em que o mesmo funciona.

MOTORES DIESEL - «DEUTZ» MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS



Motor SA 6 M 517

de 5 até 2000 cv, lentos e rápidos

CENTENAS DE REFERÊNCIAS NO ALGARVE

ENTREGAS IMEDIATAS EM LISBOA

REPRESENTANTE:

MOTOP

RUA DA VITÓRIA, 88 — APARTADO 565

TELEFONES: 23952 - 20106 — LISBOA

AGENTES NO ALGARVE:

JOAQUIM ROQUE — Vila Real de Santo António

AUTO BARLAVENTO COMERCIAL, LDA. — Portimão

AUTOMÓVEIS usados

FOURGONETES

PROVENIENTES DE TROCAS, DEVIDAMENTE REVISTOS.

Não comprem sem consultar a

Agência Citroën em Faro

Facilidades nos pagamentos

MONCARAPACHO PRECISA
de instalações sanitárias

MONCARAPACHO — Há aproximadamente nove anos que foram retiradas umas chapas que estavam fixadas no muro do mercado municipal e que serviam de urinol. De então para cá ficou-se à espera de novas instalações sanitárias, mas até agora nada se fez neste sentido. De forma que, contra o que estabelecem a higiene e a decência, certas necessidades fisiológicas são feitas em plena via pública, o que é bastante censurável, mas não deixa também de merecer reparo o facto de se ameaçarem as pessoas com multas por utilizarem as ruas, especialmente nas noites de cinema, para satisfação inadiável das ditas necessidades.

Todos estes aborrecimentos não se verificariam se já se tivesse remediado o mal.

Grupo Experimental de Teatro de Tavira

SOB a direcção do sr. António Duarte dos Santos Lopes, continuam a decorrer com excelente regularidade na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, os ensaios do Grupo Experimental de Teatro de Tavira.

Composto o Grupo por jovens amadores, quase na totalidade estreates, a actividade desempenhada pelo ensaiador tem sido de molde a merecer os mais rasgados elogios, dado o que nos foi possível apreciar num dos seus ensaios.

Tudo leva a crer que nos próximos dias será já indicada a data da estreia do Grupo, o qual realizará três espectáculos no salão de festas da Sociedade Orfeónica.

Para a «première», será, segundo nos constou, convidada toda a imprensa regional.

DIVERSAS

Sapais de Alvor — Foi aprovado o auto de recepção definitiva da empreitada de construção de edifícios do aproveitamento dos sapais de Alvor, da obra de enxugo dos sapais algarvios, adjudicada à Empresa de Trabalhos Marítimos, Lda.

Electrificação do concelho de Loulé — A Câmara Municipal de Loulé, celebrou contrato com o sr. João Jacinto Tome, de Lisboa, para execução da obra de ligação da linha eléctrica de alta tensão Loulé-Salir-Alte, incluída na 1.ª fase do plano de electrificação do concelho.

A importância da empreitada é de 869.033\$40.

Corporação da Lavoura — Para representar a lavoura (secção de frutos e produtos hortícolas) na Câmara Corporativa, foi eleito procurador pelo conselho da respectiva Corporação, o sr. João Valadares d'Aragão e Moura, secretário geral da Federação, membro das comissões para fixação do preço das graminhas de alfarroba e membro do Conselho do Alcool.

«Ronda da História»

Recebemos o n.º 20 de «Ronda da História», publicação mensal dirigida proficentemente por Américo Faria, com interessante colaboração de carácter histórico.



BASQUETEBOLE

Campeonato Distrital

1.ª categoria

1.ª Jornada

S. Lisboa e Faro, 36
C. F. «Os Bonjoanenses», 43
(ao intervalo 19-30)

SLF: Pinto-Correia (4), Cavaco (11), Silva (4), Xavier-André-Reis-Silvestre (4), Jorge (13).

CFB: Jesuino (15), Jesus (1), Brenhas (3), Adelino-Ferreira (16), Brito (10), Dias.

Árbitro: João Pires Fonte Santa Júnior (GCO). Marcador: Constantino José Marrachinho, Cronometrista: José J. Óbrien de Oliveira (CFB).

S. C. Olhanense, 23-S. C. Farense, 25
(ao intervalo 11-17)

SCO: Pombinho-Amaro (2), Flávio (8), Costa-Correia (4), Martins-Cipriano-Luis do O' (4), Brito (5).

SCF: Salvador (2), Figueiredo-Carlos-Esteveira (3), Mónica-Eurico (5), Bastardinho (2), Vinhas (15), Orlando.

Árbitro: Mário José Marcelino (SLF). Marcador: José Rosa Gouveia (CDO). Cronometrista: José Pedro Reis Alexandre (SCF).

C. D. «Os Olhanenses», 35
Ginásio C. Olhanense, 47
(ao intervalo 18-25)

CDO: Nunes (8), Luciano (5), Relvas (13), Simões (9), Ramos-Canha (2).

GCO: Graça (4), Luz (4), Franco (2), Almeida (4), Pinto (27), Vicente (2), Alves (4).

Árbitro: Fernando Soares Leitão (GCO). Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos (GCO). Cronometrista: Manuel Fernandes (GCO).

O Sporting Clube Olhanense protestou o jogo, baseado em erros de arbitragem e falta de tempo de jogo.

Jogos para amanhã

C. F. «Os Bonjoanenses» - S. C. Olhanense (Campo Bom João, Faro). S. C. Farense - C. D. «Os Olhanenses» (Campo Alameda, Faro). Ginásio C. O. - S. L. Faro (Campo A. Gouveia, Olhão).

2.ª categoria

C. D. «Os Olhanenses», 22
Ginásio C. Olhanense, 35
(ao intervalo 15-16)

CDO: Rodrigues (9), Romão (6), L. Relvas (6), Sancho-Renato-Hostílio-Chitas (1).

GCO: Martins (2), Benzinho (8), Bruno (6), Lázaro-Fernandes (12), Óscar (7), Benvindo-Vieira.

Árbitro: Marcelino José (SCF). Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos (GCO). Cronometrista: Fernando Soares Leitão (GCO).

Amanhã não há jogos desta categoria, pois que além dos Olhanenses, Ginásio e Bonjoanenses, as restantes equipas desistiram do campeonato.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS



FUTEBOL

Campeonato Nacional (II Divisão)

Comentários por ENCARNAÇÃO VIEGAS

Os avançados de Faro perderam muitos golos

Farense, 8 - Arroios, 1

Como recesso de excederem os números do «marcador» os avançados de Faro e em especial o número 9 perderam sucessivas ocasiões de golo possível, umas vezes por manifesto desacerto outras por má direcção nos remates, outras ainda por mérito da defesa antagonista super-reforçada com o recibo de algumas unidades da linha da frente.

Durante a primeira metade o «team» de Veirinha impôs uma superioridade territorial de tal ordem que Isaurindo só ao aproximar-se a meia hora teve a sua primeira intervenção. No entanto o elevado número de jogadores na grande área da equipa tricolor não permitia que os donos do terreno traduzissem em tentos a sua superioridade. O primeiro golo surgiu mesmo na conversão de uma grande penalidade e só no declinar do período inicial surgiu um tento em jogada de bola corrida.

Todavia, «água mole em pedra dura...» e o ataque sportinguista no recomeço conseguiu desfitear por duas vezes o guardião visitante e ainda antes de se entrar no quarto de hora final a marca cifrava-se em seis tentos sem resposta o que tirava aos visitantes quaisquer veleidades de repetirem as «gracinhas» das épocas anteriores.

Neste segundo tempo já com o triunfo assegurado os locais permitiram um maior equilíbrio territorial que rendeu aos visitantes o ponto de honra que mereciam pelo entusiasmo que sempre puseram na luta.

Mas a turma de Faro, a despeito dos oito tentos obtidos não teve uma acção atacante verdadeiramente eficaz. Aos dianteiros, faltou coesão, pois que Realito em inferioridade física — disseram — nos que alinhou adoentado — não ligava convenientemente o jogo no seu «corredor» e Hidalgo e Vinagre deixavam-se anular amiúde pelos adversários, por demora quer nos remates quer nos passes. Frise-se contudo que a turma já revelou uma mecanização mais certa que lhe permitirá o acesso a classificação mais compatível com o seu valor.

Da arbitragem, diremos que o juiz da partida deu-nos a impressão de estar a pensar no jogo Farense-Atlético...

Maior potencial ofensivo dos lisboetas

Atlético, 3 - Olhanense, 1

Apesar de marcar em primeiro lugar o Olhanense não conseguiu atingir a posição de vencedor no final do prélio que disputou com os alcantarenses. Ao Atlético interessava ganhar o encontro para se fixar mais sólidamente no ambicionado primeiro posto da tabela e sofrido que foi o primeiro tento a equipa lançou-se deliberadamente ao ataque assediando com muito perigo o último reduto algarvio que asseberado com trabalho acabou por consentir a igualdade antes do intervalo e ainda mais dois tentos no período complementar.

Ao «onze» de Olhão poderão atribuir-se bons momentos de futebol, especialmente a meio do terreno, com o esférico a rolar rente à relva em bonitas triangulações. Mas o sector dianteiro algarvio perdia intensidade sempre que se aproximava da grande área alcantarenses, não revelando poder de perfuração e remate capaz de chamar a si o comando do marcador.

Assim e porque a força do Atlético fez pender o jogo para o meio campo dos rubro-negros a defesa algarvia acabou, como já dissemos, por ceder, e mesmo assim, poderá creditar-se-lhe uma actuação de boa nota visto que tiveram o mérito de fazer malograr muitos ataques dos lisboetas.

Partida sem golos — partida sem brilho

Portimonense, 0 - Estoril, 0

Não se marcaram golos no Estádio do Portimonense, apesar de se deontarem duas equipas que ocupam posições cimeiras na pauta da classificação. O empate porém serve mais as aspirações estorilistas do que os anseios dos algarvios visto que estes viram os visitantes sair do prélio com uma igualdade imposta «fora de casa» o que é sempre de festejar por quem tal consegue.

O Estoril apresentou-se bem escalonado na defesa com as suas «pedras» bem dispostas no rectângulo e a equipa de Portimão embora quase toda lançada em franca toada de ataque não conseguiu fazer chegar o esférico ao fundo da baliza visitante.

Todavia ao grupo da Praia da Rocha faltou também um pouco de mais felicidade nos «disparos» pois que algumas vezes os seus dianteiros desfrutaram de boas ocasiões de golo que inutilizaram umas vezes pela «pecha» já apontada outras por mérito do «keeper» lisboeta que pode suprir todas as falhas das unidades postadas na cobertura da sua baliza.

Campeonato Distrital de Reservas

Amanhã tem início o Campeonato Distrital de Reservas, com os seguintes jogos:

Portimonense - Silves
Farense - Lusitano

Os jogos têm início às 11 horas.

Os C. T. T. no Algarve

Foi transferido de Évora para a secretaria da circunscrição de exploração de Faro, o sr. José Augusto Fernandes de Assis Gusmão.

— O electricista de 3.ª classe, sr. Adelino Gonçalves Canário, foi transferido da rede telefónica de Lisboa para a de Loulé.

— Os srs. João das Dores Mendes e Jacinto Correia Corvo foram exonerados respectivamente de encarregados dos postos telefónicos públicos de Algoz, 2.º P F (Silves) e S. Bartolomeu do Sul (Castro Marim).

A Associação castiga...

A Associação puniu com 2 jogos de suspensão o jogador João Parra dos Santos, do Lusitano F. C., por prática de jogo violento (pelo que foi expulso do terreno) durante o jogo com o Desportivo, e 1 jogo de suspensão o jogador do F. C. Unidos Sambrasense, João Manuel Fernandes, por comportamento grosseiro (injúrias e gestos) no decorrer do jogo disputado com o Louletano.

Torneio Distrital de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

Não é preciso jogar bem para ganhar...

Esperança, 0 - Silves, 2

O encontro começou com o Silves ao ataque, mas a primeira oportunidade pertenceu a Varela (Lagos), que atirou ao lado. Momentos depois o guarda-redes do Esperança defende com segurança, ouvindo aplausos. Com o Silves a ganhar por 1 a 0 findou o 1.º tempo. Logo no reatamento do desafio, Domingos fixou o resultado final. Embora o Esperança atacasse com mais insistência não conseguiu ao menos o ponto de honra, que poderia ter surgido, perto do final, quando Américo rompeu a defesa contrária

e Varela atirou ao lado, com Baraló batido.

Embora sendo mais difícil jogar bem com grupos mais fracos, o certo é que os jogadores do Silves permitiram que fossem os lacobrigenses a definir e a impor o seu padrão de jogo! Só muito raramente se viu uma avançada conduzida com a bola rente ao chão, pois, geralmente, as jogadas eram feitas em estilo «balão»!

A arbitragem, a cargo do sr. Diamantino, que não teve problemas, reputa-se de aceitável. — C.

O Lusitano pela primeira vez «passou» em S. Brás

Desportivo, 2 - Lusitano, 3

Como já vem sendo hábito, torna-se muito difícil a qualquer equipa «passar» em S. Brás, arrecadando para si os dois pontos da vitória. O Lusitano, que pela primeira vez o conseguiu, soube, embora com certa dificuldade, tornar o obstáculo. Lutando com um Desportivo mais fraco que o da época passada, mas ainda bastante enérgico, o Lusitano não teve dificuldade em patentear a sua melhor valia técnica, dominando a equipa São-Brasense em todos os capítulos de jogo. Os números poderão dar uma ideia diferente daquilo que se desenrolou no rectângulo, pois não era de surpreender que os pombalinos, que estiveram a ganhar por 2 a 0, averbassem um

resultado muito mais volumoso. A arbitragem, a cargo do sr. Conceição Rodrigues, foi verdadeiramente desastrosa, não tendo tido resultados funestos dado o retraimento dos atletas mais conscienciosos, em defesa da sua integridade física. A expulsão de Parra, do Lusitano, ficou a atestar o trabalho negativo do juiz de campo. — C.

Jogos para amanhã

Unidos Samb.-Desportivo de S. Brás
Lusitano - Silves
Esperança, de Lagos-Louletano

CICLISMO

JORGE CORVO, num empolgante «sprint»

venceu a prova de independentes na pista de Tavira

COM um começo monótono, tudo deixava prever que o festival realizado no sábado passado na pista de Tavira, não obstante a categoria dos corredores do F. C. do Porto, seria, de todos, o mais «morno» dos realizados este ano.

No entanto assim não aconteceu e se bem que a primeira prova para independentes (eliminatória) não despertasse o entusiasmo habitual, o certo é que a corrida final buliu com os nervos de quantos a ela assistiram, sendo o desfecho deveras sensacional.

A aguardada competição entre Sousa Cardoso e Jorge Corvo não apareceu, dando lugar a outro despique emocionante que o público tavirense já conhecia e de que há muito tinha saudades: Ginásio-Louletano.

Manuel Coelho, um jovem promotor que o Louletano apresentou, foi, com Jorge Corvo, o protagonista de uma bela final.

O festival teve início com uma prova para iniciados ganha por Quartilha, do Louletano, seguindo-se as 30 voltas para amadores, com a seguinte classificação: 1.º, Carrega, Ginásio (isolado); 2.º, Manuel Coelho, Louletano; 3.º, Manuel Brito, S. L. Faro e 4.º, Valério, Louletano.

Em continuação, correu-se a eliminatória para independentes, notando-se a ausência dos ciclistas do Ginásio, Sérgio Páscoa, que fracturou um dedo da mão direita e Inácio Ramos. Os ciclistas do Porto dominaram a prova, corrida com pouco entusiasmo e com desinteresse, saindo vencedor Agostinho Brás.

Para as 100 voltas em linha, alinharam 14 ciclistas em representação dos seguintes clubes: Ginásio — Jorge, Bárbara, Alcide, Mangas, Hermínio, Carrega, Lourenço e Victor Manuel; Porto — Sousa Cardoso, Agostinho Brás e Azevedo Maia; Louletano — Manuel Coelho e Valério; S. L. Faro — Manuel Brito.

A equipa do Ginásio impôs de início boa velocidade, mas o pelotão manteve-se compacto.

Algumas fugas ensaiadas por Alcide, Mangas e Carrega não resultaram, bem neutralizadas pela equipa do Porto, onde Sousa Cardoso sempre atento, teve nesse aspecto papel de relevo.

A certa altura da prova o corredor nortenho tentou a sua «chance», mas Bárbara, actualmente em boa forma, sempre na roda do portuense não consentiu a fuga.

A 40.ª volta e depois de vencer o «sprint», Jorge Corvo acompanhado pelo jovem louletano Manuel Coelho, isolou-se, mas a perseguição dos homens do Porto não se fez esperar e mais uma vez o pelotão voltou à normalidade.

Entretanto Azevedo Maia e Hermínio atrasaram-se e perderam uma volta, acabando o corredor tavirense por desistir.

As últimas 30 voltas foram corridas em boa velocidade, sem no entanto se registarem mais tentativas de fuga, prevendo-se que os ciclistas se reservavam para o esforço final.

Os «sprints» obrigatórios foram ganhos por: 1.º e 7.º, Alcide; 2.º, Manuel Brito; 3.º e 8.º, Bárbara; 4.º, Jorge; 5.º, 6.º e 9.º, Agostinho Brás.

Chegada a última volta esperava-se uma reacção de Sousa Cardoso quando Jorge Corvo arrancou, mas somente um ciclista correspondeu ao formidável «sprint» do tavirense: Manuel Coelho, um jovem que o Louletano lançou esta época. Os dois ciclistas distanciaram-se alguns metros do pelotão, disputando perante o delírio do público, uma final emocionante, que o corredor do Ginásio, pela sua maior categoria, soube ganhar bem.

Após os corredores ultrapassarem a meta, o público invadiu a pista, dispensando a Jorge Corvo uma grandiosa ovação, aliás merecida.

APARELHAGEM ELÉCTRICA
PARA BAIXA E ALTA TENSÃO
QUADROS BLINDADOS
PARA FÁBRICAS, OFICINAS E MINAS

Acessórios para Instalações Eléctricas

ASCENSORES
MONTA-CARGAS

CREL

Construções e Reparações Eléctricas, L. da

Telefones P. P. C. 662134 e 666103 — LISBOA — Rua dos Industriais, 7 (às Cortes)

Fábrica em Olivais Basto (Carriche) — Telefone 910064

A sonda SIMRAD-Mestre
de visão panorâmica
A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA
COMPLETAMENTE ESTANQUE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA
SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.
— AGENTES EM TODO O ALGARVE —

BARCO A MOTOR
VENDE-SE

Barco de pesca ao anzol, caçadeira.
Em estado novo, com motor marca BUCK
Tratar com: **JOÃO DE OLIVEIRA - Fuseta**

ESTIVA - ALGARVE
VENDE-SE

Legalizada, no melhor local, grande, construção moderna, armazéns anexos, grande área de terreno contíguo, bem apetrechada, em laboração.
Resposta ao Apartado 33 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

IMPORTANTES PROBLEMAS DO ALGARVE

foram apreciados na Assembleia Nacional

Conclusão da 1.ª página

ra do Algarve, convencendo e pondo os proprietários em condições de a efectuar. Esperamos ficar a dever ao II Plano de Fomento aquilo que o I Plano prometeu e não deu.

«O povoamento florestal exige que a par e passo dos trabalhos de plantação das árvores se monte um serviço para a sua defesa e conservação. A sua inexistência tem impedido que os proprietários tenham entusiasmo pela arborização, quando os terrenos não estão ao alcance da própria vista. Outra providência que tem de acompanhar é a do emprego daqueles que nos terrenos a arborizar residem e trabalham. Uma solução foi sugerida: a de os encaminhar para os terrenos salgados a conquistar para a cultura, na costa do Sotavento do Algarve, outra promessa do I Plano de Fomento que não teve realização por falta de estudos bem fundamentados e de técnica experimentada em tais trabalhos. E' certo que está a ser feita uma experiência na costa de Barlavento, nos salgados de Alvor, que deve orientar o futuro aproveitamento dos sapais do Algarve designados no I Plano de Fomento.

«Com estes trabalhos se esgotariam as possibilidades de alargamento dos terrenos de cultura no território continental, tão heróicamente executados nas sendas da montanha e nos areais do litoral. Uma vez que não se promovia a simultaneidade de povoamento da serra com o aproveitamento dos sapais, tem que se procurar outro caminho para os deslocados por força de povoamento florestal. Esse pode ser o da colonização interna ou ultramarina ou de ambas conjuntamente. A prevista irrigação do Alentejo, apresenta um vasto recurso da colonização. O rural algarvio sempre encontrou no Alentejo o suplemento à sua actividade numa adaptação e colaboração bastante apreciada».

A irrigação dos terrenos algarvios daria extraordinário incremento à nossa agricultura

Mais adiante o sr. coronel Sousa Rosal afirmou: «Das importantes obras de irrigação de terrenos algarvios, quanto proveito se poderia tirar orientando a sua exploração na plantação de pomares e no cultivo de produtos hortícolas que podiam constituir uma qualidade à parte no conjunto nacional, em aspecto, sabor e no tempo, em razão da sua maturação ser feita em clima excepcional. Não é só no sector de regadio que a agricultura no Algarve precisa de orientação. No sector das árvores produtoras de frutos secos para exportação, onde nos vamos em cada dia inferiorizando nos mercados internacionais, também se sente a falta não só de orientação mas também de uma rigorosa disciplina na selecção das castas e de defesa sanitária das árvores, sem o que as dificuldades de hoje serão a catástrofe de amanhã.

«A junta à inércia e incompreensão da lavoura perante a ofensiva dos concorrentes, apoiada na apre-

sentação de melhores produtos, temos a falta de colaboração do comércio exportador com a lavoura e mesmo no seio do comércio exportador. O nosso caso particular que é bem do interesse nacional, pelo que os frutos secos pesam e podem vir a pesar no valor das exportações, leva-nos a esperar que a agricultura algarvia não será esquecida na aplicação das verbas para assistência técnica e defesa sanitária, consignadas no Plano.

«Dos sucessos da hidráulica agrícola, a que me estava referindo, depende em grande parte o fortalecimento de condições fundamentais da vida colectiva e o bem individual que se pretende, pelo que qualquer paragem, além do razoável, será um procedimento errado. Além da água, o solo espera muito dos fertilizantes e correctivos para completar ou corrigir a sua composição.

«Também neste particular, apesar do esforço feito através da indústria nacional com um maior e melhor apetrechamento e de insistente propaganda, a lavoura continua a não ir até onde lhe é aconselhado e é necessário, mais por dificuldades financeiras, que resultam da falta de rentabilidade, devido a uma exploração precária e ao condicionamento de preços no mercado dos produtos, do que por falta de entendimento».

O problema da pesca do atum e da criação de uma frota atuneira que atenda as exigências industriais do Algarve

«O Plano de Fomento deixa antever que não se está desatento, nas esferas competentes, às dificuldades e ao desenvolvimento da indústria da pesca. A construção prevista de seis grandes atuneiros, marca um novo rumo, entre nós, na pesca do atum, rumo aliás já experimentado com êxito por uma empresa de Aveiro. Não poderíamos ficar indiferentes, por mais tempo, a este novo sistema de pesca, seguido desde há muito lá fora. Com grande vantagem marcham em primeiro lugar os japoneses, que têm invadido o mercado americano, não só com preços excepcionais, devido a uma potente e bem organizada exploração e comércio e aos baixos salários, como também a uma protecção especial que pode ter-se como discriminatória por intermédio das pautas americanas, que apenas classificam de atum o pescado no Pacifico. Estão mesmo a apossar-se dos mercados europeus.

«O Algarve está sendo tocado nesta ofensiva, nos seus mercados tradicionais, que têm mantido gosto preferencial pelas nossas conservas de atum. Não se pode desligar o empreendimento da construção dos seis atuneiros das organizações que têm dominado desde sempre, no continente, a pesca e a conserva do atum, colhendo na sua experiência o apoio do passo que se deseja dar e considerando devidamente os interesses in-

vestidos e a situação dos seus pescadores.

«As antigas armações fixas, que têm sido, entre nós, a fonte clássica da pesca do atum, têm sofrido nos últimos anos uma diminuição de rendimento e até prejuízos por falta de peixe, o que se tem reflectido dolorosamente na vida dos seus pescadores que trabalham a percentagem, numa prática que deve ser revista.

«O apoio que se prevê para a pesca do atum concedido aos atuneiros e a colaboração que se sugere, recomenda das velhas armações fixas uma contribuição científica e financeira que facilite o seu desenvolvimento para uma pesca mais segura, que se julga depender, em grande parte, de uma nova estrutura administrativa e novo dispositivo no mar, exemplo do seguido com óptimos resultados nas armações da costa marroquina.

«A indústria da conserva de atum também deve ser preparada para receber mais peixe e não prejudicar por deficiência de equipamento as qualidades usuais, e para apresentação de outras que, porventura, sejam de aconselhar, para manter e alargar as suas posições de prestígio nos mercados internacionais. Uma nova organização, trabalhando noutros moldes, não deve movimentar-se num sentido que dificulte o ramo onde tem que trabalhar forçosamente mas sim solicitar uma colaboração experimentada e complementar que, no caso presente, lhe é indispensável.

«Quanto aos investimentos para fomentar no geral as indústrias, apenas um ligeiro apontamento: que os condicionamentos que têm que irradiar por força da acção interventcionista do Estado para proteger indústrias nascentes devem ir embebidos na nossa doutrina que não se coaduna com monopólios de exploração nem com a manutenção de empresas parasitárias. A protecção pautal e de tabelamento, bordões a que se encostam muitas delas, só devem ser autorizadas quando haja fundamento económico e social a cimentar e nunca para criar situações de privilégio pessoal ou de grupo e inferiorizar a produção por falta de estímulo e que por não haver melhor temos que aceitar por força».

O sr. coronel Sousa Rosal apontou ainda as deficiências que se verificam nos portos da Província; a vantagem de se considerar como merece a ligação do Alentejo com o Algarve, por Almodôvar-Salir-Loulé; o problema das estradas municipais; a deficiência dos serviços ferroviários; a necessidade da instalação do Aeroporto e o apetrechamento turístico da Província; a vantagem da reconstrução das Caldas de Monchique, terminando o seu discurso com um apelo ao Governo no sentido de amparar e estimular todas as possibilidades do Algarve e apelando igualmente para o bairrismo, compreensão e iniciativa dos algarvios.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

IV ENCONTRO dos Cine-Clubes Portugueses

Conclusão da 1.ª página

dos Cine-Clubes e estudadas as várias facetas da actividade cineclubista e os múltiplos problemas que se lhe relacionam.

A parte da sessão do dia 1 presidiu o sr. governador civil de Santarém, que afirmou o interesse que lhe merecem os Cine-Clubes como elementos de cultura e como ponto de partida para o progresso do nosso cinema. O sr. secretário nacional da Informação presidiu, também, a parte da sessão de domingo, pronunciando importante discurso de análise à acção dos Cine-Clubes, em que fez, entre outras afirmações, a de que está a ser encarado o desenvolvimento do cinema experimental pela concessão, para o efeito, de facilidades aos Cine-Clubes. Disse também ser objecto de estudo a possibilidade de recolha, pela Cinemateca Nacional, de cópias de todos os filmes de interesse cineclubista, para oportuna exibição pelos Cine-Clubes sem prejuízo das empresas distribuidoras.

O Encontro, que tivera início com a exibição em antestreia do filme «Noites brancas» de Visconti, terminou com um almoço nos arredores da cidade, presidido pelo sr. secretário da Informação.

Representaram os Cine-Clubes do Algarve os srs. dr. Emilio Campos Coroa e esposa dr.ª Maria Amélia Vieira Campos Coroa e José Francisco Araújo Ferreira, de Faro, Joaquim Carlos Mendes Silvestre, de Olhão, dr. José de Sequeira Colaço Fernandes, José Manuel Pereira, António Ferreira Mendes e Manuel Rosa Mendes e esposa D. Maria Isabel Pato Nunes, de Vila Real de Santo António.

Recordando o Liceu de Faro

Conclusão da 1.ª página

— Lembra-se, senhor doutor, de alguns colegas que se distinguiram nas aulas?

— Sim; dentre os mais aplicados, distingo o Sintra, que foi, mais tarde, engenheiro dos caminhos de ferro. Dos cábulas cito o Cristóvão, o Crispim e o Cristina. «Tantos Cris e nenhum presta» — comentava na aula de Inglês o mestre Júdice.

— Que lhe parece a juventude actual em confronto com a desse tempo?

— A de hoje parece-me menos sã e menos humana. A sociabilidade, o altruísmo e a lealdade eram virtudes correntes nos rapazes do meu tempo.

— Encontra, geralmente em Lisboa, antigos condiscípulos?

— Sim, vários. O almirante Guerreiro de Brito, o dr. Ascensão Contreiras, o major Mário Costa, o major Mateus Moreno, o coronel Baptista, o coronel Vitorino Corvo, o dr. Fonseca, médico naval e outros mais.

Professor de Matemática, o nosso entrevistado diz-se sincero admirador da beleza, dos costumes e da linguagem do Algarve mas deles pouco acrescenta porque dá a palavra aos muitos poetas e escritores que lá conhece. E remata, num quase desabafo:

— Creia, minha senhora, que esta província adoptiva, onde vivi dos 4 aos 17 anos, onde regressei para exercer o Magistério e onde me casei, mereceu-me sempre as melhores referências e nos seus habitantes encontro autênticos valores na Magistratura, na Marinha, no Exército, no Professorado e, em geral, em todos os sectores da actividade nacional.

Sabíamos que o sr. dr. Tenório de Figueiredo comparecia sempre às

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

O Sol nasce cor de sangue,
E a Lua da mesma cor,
Gritam as bocas: Mais pão!
E os corações: Mais amor!

BERNARDO DE PASSOS

Também na cozinha se pode ser artista

Escalopes panados com molho de tomate — Passai 4 escalopes de vitela dos dois lados, por farinha e depois por ovo batido com uma colher de sopa de leite, sal e pimenta, seguidamente pelo pão ralado. Fritam-se em manteiga ou margarina e deixai-os sobre o lume brando, durante 15 minutos. Põe-se os escalopes numa travessa aquecida e cobre-se de molho de tomate. Acompanham-se com batatas fritas.

O «whisky» pode provocar o cancro da laringe

Um estudo estatístico sobre o cancro da laringe, realizado nos Estados Unidos, Índia e Suécia, demonstra que esta doença pode manifestar-se, embora raramente, em indivíduos que não sejam fumadores e que consumam grande quantidade de «whisky», o qual parece aumentar o risco de se contrair o terrível mal, ao contrário do vinho e da cerveja, que, neste particular, não exercem qualquer acção.

Ponham o pé no ar

Numa tribo da África do Sul, os oradores, são obrigados a manter-se apoiados, apenas num pé. Durante o tempo que forem capazes de se equilibrar, falarão livremente. Porém no momento em que pousarem o pé no chão, a palavra é-lhes retirada.

Como eles pensavam

Tolos não se semeiam nem se plantam; nascem espontaneamente. — Prov. russo

Porque não se encontrou ainda o segredo de obrigar todos os ricos a fazer trabalhar todos os pobres? — Voltaire

O doce nunca amargou

Geleia de marmelos — Cortam-se em pedaços os marmelos e cozem-se em água bastante para os cobrir. Coam-se por um pano grosso, espremendo-os bem. Por cada litro de água juntam-se-lhe 750 grs. de açúcar e deixa-se ferver tudo durante hora e meia. Depois de pronta deita-se em copos.

É agora não ria!

O empregado para o patrão: — Senhor director: é necessário que me conceda um pequeno aumento de ordenado. — E por que é necessário? — Porque a minha mulher acaba de saber quanto eu ganho.

Um esclarecimento sobre as conservas de Marrocos

Conclusão da 1.ª página

produtores, a um preço determinado; uma vez estas caixas vendidas, procede à compra de nova partida de 200.000 cxs. e assim sucessivamente.

«Isto teria a vantagem de auxiliar a tesouraria dos fabricantes e evitaria a baixa de preços provocada pelas necessidades de grande parte dos produtores, com dificuldades financeiras, vindo-se forçados a realizar fundos, provocando as baixas e fazendo o jogo dos compradores, aproveitando-se estes para estimularem a concorrência em seu único benefício, sem vantagem para o consumidor, como em geral se verifica e sem que aumente o volume de negócios.

«A cooperativa está, de facto, em formação e nós esperamos que não tardará a funcionar normalmente».

Temos nós, assim, de concluir que os nossos concorrentes de Marrocos não só não abandonam soluções de defesa colectiva, como procuram aperfeiçoá-las. Resta ver se não virá o actual comportamento dos portugueses nos mercados, a comprometer os esforços dos marroquinos em adoptar uma política de vendas mais conforme aos interesses reais de quem vende e de quem compra.

Subscrévemo-nos com elevada consideração

De V.

Muito Atenciosamente

Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Centro
Pela Direcção

(a) Filipe Nazaré Fernandes

O Turismo e a Cultura

Continuação da 1.ª página

das plantas e dos seres humanos, como se explica que no nosso Algarve a vegetação esteja primorosamente constituída e aumentada, não tendo chegado ao homem a mesma tendência de grandeza superior à comum, o mesmo progresso!

Estaremos nós a sofrer uma crise de cultura motivada principalmente por falta de ensinamentos? O desejo de subirmos, de nos elevarmos está no espírito de todos. O afastamento de tudo quanto seja banal, constitui para a grande maioria dos algarvios uma ambição permanente.

Devemos acabar com as paixões e fazer justiça a tudo quanto se tem consagrado. Abram-se as consciências e, em termos eloquentes, com frases que formem sentido, descrevendo-se pormenoradamente os pensamentos, em harmonia com as nossas condições e as nossas aspirações. Assim poderemos exigir aquilo a que temos direito.

Arnaldo Martins de Brito

ACERTE, SE É CAPAZ!

Cupão n.º 3

- 1— Quem é e onde nasceu o autor de «A Ceia dos Cardeais»? (5 pontos)
- 2— Como se designa a camada gasosa que envolve a terra? (3)
- 3— Quem inventou o fonógrafo? (4)
- 4— Quem realizou o filme português «A canção da terra»? (6)
- 5— Qual a terra algarvia que completa, este ano, século e meio de existência como vila? (2)
- 6— Qual o rio que, no Algarve, separa Portugal da Espanha? (1)

Nome _____
Morada _____

Prémios atribuídos às respostas ao cupão n.º 3:

1.º prémio — Uma embalagem das apreciadas conservas «Folque», oferta da firma Raul Folque & Filhos, Lda. de Vila Real de Santo António, da qual constam, entre outras especialidades, algumas latas de lombo de atum assado e de espinhetas de caldeirada, produtos que destruíam de merecida fama.

2.º prémio — Uma garrafa de excelente aguardente velhíssima de medronho da conhecida marca «Sanchez», oferta do modelar estabelecimento que no seu género é o Café Império, de Vila Real de Santo António.

Conclusão da 1.ª página

propriedade em Lagos

Vende-se com cerca de 5 hectares, a 2 km. da cidade, ladeando a estrada de Lisboa, com paragem de camioneta, constando de terras de semear, arvoredos, especialmente amendoieiras e figueiras, casa de habitação e ramada.

Aceita propostas o capitão Carmo, Rua D. Francisco Gome, em Faro.

Indicações em Lagos pelo Ex.º Sr. António Pacheco, Rua do Paíol.

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.

Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA

Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER

Máquinas para café-creme EUREKA

Agentes em todo o Algarve



Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA